

Miguel Montenegro
Agência de
de J. J. Costa
Arquiteto Capanga
por carta de M. M. Costa
Henrique Aristides Guilhem

Segunda Sessão do Conselho Superior de Segurança Nacional.

Aos nove dias do mez de Outubro do anno de mil novecentos e trinta e cinco reuniu-se no Salão de despachos do Palácio do Catete, sob a presidência do Senhor Doutor Getúlio Dornelles Vargas, Presidente da República, pela segunda vez o Conselho Superior de Segurança Nacional. Compareceram a esta sessão o Doutor José Carlos de Menezes Soares, Ministro dos Negócios Exteriores; Doutor Vicente Rago, Ministro da Justiça; General de Divisão João Feres Ribeiro Filho, Ministro da Guerra; Vice-almirante Protógenes Pereira Guimarães, Ministro da Marinha; Doutor de Souza Costa, Ministro da Fazenda; Doutor João Marques dos Reis, Ministro da Viação e Obras Públicas; Doutor Agamenon Magalhães, Ministro do Trabalho; Doutor Odilon Braga, Ministro da Agricultura; Doutor Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde Pública; Vice-almirante Henrique Aristides Guilhem, Chefe do Estado-Maior da Armada e General de Divisão Antônia de Silva Pessoa, Chefe do Estado-Maior do Exército. Acompanharam os trabalhos o General de Brigada Nazário José Pinto, Secretário geral do Conselho, o Capitão de Fragata Adalberto Landim, chefe interno do Gabinete da Secretaria geral de Segurança Nacional, e Capitão Alexandrino Pereira da Motta, adjunto da mesma Gabinete. Às vinte e uma horas e vinte minutos declarou o Senhor Presidente da República aberta a sessão e mandou o Secretário geral proceder à leitura da ata da sessão anterior, a qual, posta em discussão, foi pelo Senhor Presidente declarada aprovada. Disse, então, o Senhor Presidente que fez convocar esta sessão a pedido do Senhor Ministro da Guerra, a quem concedeu a palavra. Tomando a palavra, leu o Senhor Ministro da Guerra o seguinte discurso: "Meus Senhores. A presente reunião foi mim solicitada ao Senhor Presidente e, se lhes estou tomando o tempo, é porque o assunto tem a maior actualidade e relevancia. Ninguém ignora o momento que o mundo atravessa, ninguém hoje, por mais pacifista que seja, pôde de boa fé acalentar a fogueira utópica da paz universal. Estamos vendo com os factos que se desenrolam no oriente africano, apesar de todos os esforços da Liga das Nações, que os homens são sempre os mesmos, egoístas impiedosos que acima de tudo colocam os seus interesses... O que La Fontaine estereotipou na fábula "O Lobo e o Cordeiro" será até o consumar dos seculos uma verdade: "o direito do mais forte é sempre o melhor!" Nessas condições, atento o estado de fragueza do nosso exercito para a guerra, não a guerra de agressão, de conquista, mas, como é de hora indole, para uma guerra de defesa de nossa honra, do territorio de nossa Patria, entendi ser dever meu, actual detentor da pasta da guerra, vir dizer-vos, para que o saibades e para não mentir à Nação, qual o nosso estado de precariedade para o cumprimento da nossa finalidade. Sem entrar em detalhes que deixo ao encargo do General Chefe do Estado-Maior do Exército, farei aqui ligeiro esboço do nosso quadro. Vejamos o que temos: Aviação - Aviação escola (aviões de aprendizagem) em tão pequenos numeroes de que tivemos, há pouco e as pressões, para não parar a instrução, que comprar administrativamente vinte nos Estados Unidos; Aviões de caça - uns Boeing que tivemos dirigidos